

11-06-2021

## TRABALHO E PALAVRA NOS GARIMPOS DE COROMANDEL (MG)

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Em 2012 defendi a dissertação de mestrado intitulada “A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho nos garimpos de diamantes de Coromandel (MG)”, reforçada por artigos, capítulos de livros e crônicas publicados posteriormente.

Nessa pesquisa sistematizei elementos do imaginário e do linguajar que permeavam o mundo fabuloso e inclemente dos garimpos de Coromandel, na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. O garimpo tradicional de extração de diamantes que existia nesse município fez parte de minha infância. Quando criança presenciei o cotidiano dos garimpeiros que povoavam as beiras de córregos e reviravam os vales à procura das *pedras brilhantes*. Alguns deles acharam-nas; outros tiveram vidas inteiras desviadas pelos sonhos.

Poucos usufruíram a sorte fantasiada; muitos viveram sem ver o lampejo dos diamantes à luz do sol. Diante disso, em diversos textos, destaquei que os garimpeiros eram antes sonhadores; e eles sonhavam tão alto que imaginávamos presenciar homens sempre embriagados. A vida desses sujeitos era uma vida concreta-ficcional sucumbida ao feitiço da pedra brilhante; eles próprios misturavam-se aos seus sonhos e às suas ficções.

A esperança de encontrar o diamante de coloração rosa, o mais bonito e valioso, levava os garimpeiros a ficcionar a própria vida. Os garimpeiros caminhavam com os pés e os olhares no chão cascalhento. Mas, bastavam sonhar com diamante para que nos horizontes dos olhos acendesse a convicção que alimentava as mãos, os músculos e o corpo inteiro para enfiar-se no trabalho. Além de uma vida imaginosa, sonhadora e, às vezes, de uma esperança vã e fatalista, o garimpeiro criava um linguajar não oficial; não normatizado, gramatiquês, jurídico ou estatal, mas um linguajar que entremeava a descrição dos seus instrumentos de trabalho, dos seus esforços e dos seus sonhos. Palavras específicas do mundo do garimpo arvoravam a partir de uma rica tradição oral e linguageira cotidiana.

Como diz o linguista Braz José Coelho (2006, p.22), “uma realidade qualquer é conhecida e compreendida na medida em que há uma linguagem que possibilita pensá-la e dizê-la; essa linguagem é, por sua vez, fruto da atividade coletivamente produzida sobre a realidade em questão”.

Assim era nos garimpos de Coromandel.

.....

Dessa realidade emergia um linguajar próprio entre os garimpeiros, o que gerava comunicação entre eles e permitia entender melhor os processos de trabalho nos garimpos.

Envoltos na realidade bruta do trabalho de garimpagem os trabalhadores intrépidos extraíam também saberes na forma de lidar com as ferramentas, identificar os terrenos diamantíferos, cavar o cascalho, separá-lo e apurá-lo à cata dos diamantes.

Logo, desse mundo concreto emergia um palavreado próprio. No garimpo as palavras tocavam o rés do chão do trabalho.

Por consequência, a seguir cito algumas das palavras que povoavam a realidade social e o imaginário dos garimpeiros de Coromandel, com seus respectivos significados:

**Bamburrar:** garimpar diamante e ganhar muito dinheiro ao vendê-lo. O *bamburro* concretizava o sonho do garimpeiro em “pegar diamante”. Por garantir enriquecimento imediato, o *bamburro* justificava uma longa jornada de trabalho e de dificuldades atravessada no garimpo. No entanto, quem bamburrava mesmo eram os compradores de diamantes que exploravam e caloteavam os garimpeiros.

**Cata:** escavação onde os garimpeiros extraíam o cascalho diamantífero. A *cata* era perfurada artesanalmente, com o uso de ferramentas rudimentares como enxada, pá, picareta ou, em alguns casos, com apoio de máquinas como trator. O trabalho de escavação do cascalho nas catas exigia esforços repetitivos no manejo de ferramentas pesadas, exposição ao sol e aos riscos de acidentes como desmoronamento de barrancos. Era comum deparar com casos de acidentes e garimpeiros adoecidos, devido a esses ambientes de trabalho no decorrer de décadas.

**Capangueiro:** o termo originou-se no século XVIII nas minas de Diamantina (MG). Santos (1978, p. 217) diz que na época, diante do extravio de diamantes, “entre os contrabandistas havia uma classe chamada de *capangueiros*, ou *pechelingueiros*: era a dos que faziam o comércio de capanga, isto é, os que, com pequenos capitais, compravam dos garimpeiros pedras isoladas ou pequenas partidas para vendê-las aos exportadores”. Em Coromandel, o termo *capangueiro* se aplicava aos compradores de diamantes (da região ou estrangeiros) que, na verdade, eram atravessadores que exploravam os garimpeiros. Pagavam bagatelas por diamantes adquiridos das mãos calejadas de garimpeiros pobres e analfabetos que povoavam os vales cascalhentos do município.

**Faiscadores ou faisqueiros:** termos utilizados para caracterizar os sujeitos que se destinavam, de modo esporádico, às áreas de garimpo para revirar os cascalhos à procura de diamantes. Eram serventes, pedreiros, mecânicos, comerciantes, desempregados, vaqueiros e toda sorte de trabalhadores que em dias de férias, finais de semana ou feriados iam “arriscar a sorte” nos córregos e terrenos cascalhentos.

Os *faisqueiros* não eram considerados garimpeiros tradicionais, mas, assim como eles, sonhavam em pegar a *pedra rara* e *bamburrar*.

**Fornecedores:** eram as pessoas que “financiavam” o trabalho dos garimpeiros. Os fornecedores, geralmente comerciantes, fazendeiros, médicos e empresários locais, possuíam uma relação contratual, com base na palavra, com os garimpeiros. Conforme o contrato, os fornecedores provisionavam os garimpeiros (mão de obra explorada) de alimentação, ferramentas ou um salário mensal para manutenção no garimpo. O resultado do trabalho – o diamante encontrado – era vendido e o valor dividido de modo igualitário (ou não, a depender do acordo prévio) entre o fornecedor e o garimpeiro.

**Garimpeiro cural ou garimpeiro meia cara:** termos utilizados para caracterizar os garimpeiros que tinham pouca experiência de trabalho no garimpo. Geralmente iniciantes na lavra e que não sabiam bem apurar o cascalho ou identificar os diamantes.

**Mancha:** local (*cata*) onde eram encontrados muitos diamantes. Os casos de *manchas de diamantes* encontradas nas catas por garimpeiros eram referenciados como grandes *bamburros* e transformavam-se em fontes de narrativas mirabolantes entre esses trabalhadores.

**Monchão:** afloramento de cascalho em terrenos sedimentares afastados do leito dos córregos e rios. Em áreas de *monchão* o trabalho de extração do cascalho para apuração exigia menos esforços entre os garimpeiros.

**Murraça:** material não diamantífero, considerado o *rejeito* da apuração do cascalho.

**Pedra rara:** o mesmo que diamante.

**Queimar a pedra:** dizia-se do diamante avaliado e não vendido ao primeiro comprador (*capangueiro*). Esse, em conluio com uma rede de demais *capangueiros*, detalhava as características do diamante e do vendedor para que o preço apresentado, por qualquer um deles, não ultrapassasse o oferecido inicialmente. A cumplicidade entre os .....

continua

<p>..... <i>capangueiros</i> inviabilizava a comercialização justa dos diamantes e explorava ainda mais os garimpeiros.</p> <p><u>Queimar a pedra</u>: dizia-se do diamante avaliado e não vendido ao primeiro comprador (<i>capangueiro</i>). Esse, em conluio com uma rede de demais <i>capangueiros</i>, detalhava as características do diamante e do vendedor para que o preço apresentado, por qualquer um deles, não ultrapassasse o oferecido inicialmente. A cumplicidade entre os <i>capangueiros</i> inviabilizava a comercialização justa dos diamantes e explorava ainda mais os garimpeiros.</p> <p><u>Vuãozinho ou xibiu</u>: diamante pequeno e de pouco valor.</p> <p>As palavras citadas explicitam sentidos e características da realidade concreta do trabalho dos garimpeiros de Coromandel. Ademais, revelam elementos reais e fantasiosos do mundo da garimpagem, outrora permeado de sonho, esperança e histórias mirabolantes como a do garimpeiro que morreu ao sofrer uma parada cardíaca devido ao susto e emoção de encontrar um diamante; morreu com a pedra rosa na mão com punho fechado. Ou a história de outro garimpeiro que pegou a <i>pedra rara</i> e a perdeu ao guardá-la no bolso furado.</p>	<p>Essas histórias de quase ser rico ou quase ter realizado o <i>bamburro</i>, abasteciam esses sujeitos não de dinheiro, mas de narrativas com palavreados que os tornavam sabedores dos vales, serras e solos cascalhentos; guardiões de saberes remotos. Os diamantes enriqueceram poucos, menos ainda os garimpeiros. Mas, as palavras também eram seus diamantes. Finalmente, apreender as palavras extraídas do mundo do trabalho dos garimpeiros é uma forma de considerar as memórias, as experiências e os saberes dos trabalhadores como fontes de conhecimento.</p> <p>Ouvir o léxico dos trabalhadores; respeitá-los como sujeitos de uma inteligência prática e concreta define um posicionamento político em defesa de seu mundo como portador de dignidade. ■ ■ ■</p> <p>Referências</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>■ Gonçalves, RJA. <i>A vida pode mudar com a virada da peneira</i>: (re)org. territ. e trab. garimpos ... Coromandel (MG). Mestr. Geogr., UFG, Catalão-GO, 2012.</li> <li>■ José Coelho, B. <i>Linguagem: conceitos básicos</i>. Goiânia: T. Urbanas, 2006.</li> <li>■ Santos, JF. <i>Memórias Distr. Diamantino Com. Serro Frio</i>. BH: Itatiaia, 1978.</li> </ul>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	